



Ano 5 - Nº 13 - julho-2008

na íntegra

Jornal Laboratório - Comunicação Social - Jornalismo

O peso da notícia é dado
pela própria notícia

Por um trabalho
a favor da vida

Jornalismo como forma
de conscientização

A ética faz parte
do indivíduo

O desafio de mostrar
o lado positivo

A violência não pode
ser banalizada

A responsabilidade transformadora
dos jornalistas

jornalismo
pela **PAZ**



Jornal
naíntegra

Especial Jornalistas pela Paz

Ano 5 - Nº 13 - julho-2008

Publicação dos alunos da 4ª Série Noturna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UNOPAR – Universidade Norte do Paraná

Chanceler

Marco Antônio Laffranchi

Reitora

Elisabeth Bueno Laffranchi

Vice-Reitora

Wilma Jandre Melo

Pró-Reitor de Ensino e Extensão

Hélio Navarro

Diretor do CCET

Fábio Renan Durand

Coordenadora do Curso de Comunicação Social

Leange Severo Alves

EQUIPE EDITORIAL

Professores Responsáveis:

Érika Pelegrino (MTb 2910) e Lauriano Benazzi (MTb 4847)

Projeto gráfico, diagramação, editoração eletrônica

Lauriano Benazzi
Talita Martinuci e Paulo Sérgio de Pietro Guimarães

Pauta, Reportagem e Edição

Antônio Henrique Galhasce,
Denise do Carmo Vicente,
Felipe da Silva Montoya,
Fernanda Rodrigues Bordin,
Joilson Borges Demuner Filho,
Josemara Aparecida de Jesus Lisboa,
Maeva Moreira Alves de Moraes,
Manoela Armanhi Souza,
Mariana Haga Fontanini,
Nadel Godoy da Silva Ribeiro,
Patrícia Gabriel Ricci,
Priscila França da Silva,
Talita Francinne Martinuci e
Thatiane Aparecida Rodrigues Pereira

Impressão

Jornal de Londrina

Tiragem

1000 exemplares

Correspondência

UNOPAR – Universidade Norte do Paraná – Campus CCET
Rua Tietê 1208 – Jardim Tabapuã
CEP 86025-230 – Londrina – PR

Coordenação de Jornalismo

(43) 3371-7484

e-mail: comunicação.social@unopar.br

Home-page: WWW.unopar.br

Editorial

Mídia e Cultura da Paz

No mundo atual, há confusão de valores e muitas pessoas já não conseguem discernir o correto do errado. A mídia tem mostrado um mundo desajustado e por isso é preciso lutar por um jornalismo pela paz

Produzir um jornal sobre a mídia e a cultura da paz foi a proposta dos alunos da 4ª Série Noturna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Norte do Paraná. A edição hoje apresentada é fruto de uma reflexão sobre a responsabilidade social do jornalista e a formação universitária necessária para que os objetivos mais altos da profissão de jornalista sejam alcançados.

Foram muitas as questões tratadas, considerando o Movimento da Mídia pela Paz, que está cada vez mais abrangente e que propõe a discussão das formas de atuação profissional para que haja uma mudança na situação geral deste mundo globalizado que está cada dia mais sem direção.

Os jornalistas formados pela Unopar, além das disciplinas técnicas, desenvolveram conteúdos humanísticos, baseados sobretudo na ética, a fim de atender à própria missão da instituição que é a de “promover o desenvolvimento integral do ser humano, sua formação profissional e seu crescimento individual e coletivo, dentro dos valores da ética, da solidariedade e da cidadania, bem como a geração de conhecimento educacional e tecnológico, buscando consolidar-se como centro de referência regional e nacional por meio de ações de excelência em ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação, participando ativamente do processo de desenvolvimento regional”.

Nós, da Unopar – alunos, professores, coordenadores e administração – somos otimistas e acreditamos em um mundo melhor. Por isso, está contemplado, no curso, o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico necessários ao atendimento rápido, efetivo e eficaz para as novas demandas mundiais, sob forma de várias linguagens e conteúdos dos problemas cotidianos do cidadão deste novo século, pelo conhecimento e compreensão de seu modo de pensar e agir. Busca-se, portanto, uma formação que prioriza com a mesma intensidade os aspectos conceituais, filosóficos, éticos, sociológicos, e tecnológicos, imprescindíveis às práticas da Comunicação pelo Jornalismo.

Temos a certeza de formar profissionais de Jornalismo com capacidade investigativa, narrativa, expositiva e opinativa, que efetivem o registro de fatos comprometidos com a cidadania, usando adequadamente as linguagens que caracterizam os meios impressos, eletrônicos e virtuais, com coerência e sentido de inovação.

Enfim, formar cidadãos, enfatizando seu preparo profissional, sensíveis, abertos e comprometidos com a construção de uma so-

cidade mais humana e justa, capazes de considerar que no centro de suas atividades profissionais está a criatura humana, é um dos nossos propósitos.

Nesta experiência, o primeiro conceito tratado foi o de Paz. Paz para o ser humano como indivíduo e paz para o mundo, do ponto de vista coletivo. Na verdade, a Paz é o resultado de vários fatores sociais, emocionais, econômicos, políticos e para alcançá-la há necessidade de perseverança e projeto.

A mídia tem mostrado um mundo desajustado. Há confusão de valores. Muitas pessoas já não conseguem discernir o correto do errado. Temos muitos problemas com o meio ambiente e a segurança é um ideal difícil de ser atingido. Nossas crianças precisam de educação, nossos jovens necessitam de orientação e nossos velhos, de mais amor. A saúde está ameaçada e o Estado pouco faz para mudar a situação.

Muita gente reclama que a mídia apresenta uma quantidade imensa de problemas, muitas vezes de forma equivocada e sem responsabilidade. De fato, algumas vezes a mídia extrapola na seleção, na linguagem e no enfoque das matérias. Na verdade, reflete uma sociedade que precisa parar e renovar.

Esta é a hora de tomada de decisão. Os jornalistas, de forma geral, estão questionando o fazer jornalístico tradicional e se engajando em uma proposta inovadora. É preciso, sim, ter consciência de que se pode fazer alguma coisa para mudar a situação. Mudar o mundo talvez seja uma proposta idealista demais, mas começar o processo de conscientização da sociedade, a partir da própria ação jornalística, já é um passo. Queremos uma mídia que constrói, não uma que simplesmente relate fatos como se nada tivesse a ver consigo e com o outro.

Devemos iniciar estabelecendo o diálogo entre os profissionais da comunicação para refletir sobre os efeitos das mensagens e inspirar uma visão apreciativa dos fatos. Os jornalistas que têm esse compromisso com a Paz compreendem que neste momento a humanidade precisa de um sentido sobre o que é melhor para o futuro do mundo. E se dispõem a fortalecer o papel da mídia, expandindo consciências, por meio da escolha de conteúdos construtivos, para ampliar a esperança e a capacidade de produzir ações que promovam a vida.

Nas páginas a seguir, jornalistas expõem sua maneira pessoal de produzir informação comprometida com a melhoria da sociedade, tendo a Paz como objetivo final.

Artigo

Jornalismo pela Paz, uma tarefa para poucos

Quando uma pessoa começa a cursar jornalismo, o que ela mais escuta na universidade é que uma das funções do jornalista é a de transmitir informações necessárias para a sociedade para que essas colaborem com uma melhor convivência entre as pessoas, ajudando-as a construir o respeito pelo ser humano e um mundo melhor.

Mas as teorias estudadas nem sempre encontram respaldo na prática. A grande mídia, algumas vezes, transforma a notícia num grande espetáculo, esquecendo-se de que deveria informar a sociedade com responsabilidade.

Usar o jornalismo para contribuir na construção da paz pode ser uma maneira de mudar a sociedade, já que o jornalista tem o papel de ser um agente transformador. Para isso, o profissional tem que procurar atuar de acordo com os seus princípios, mesmo que tenha de ir contra a linha editorial e comercial do veículo em que trabalha.

O produto final do jornalismo pela paz são mensagens que carregam um conteúdo noticioso que ajudam as pessoas a viverem melhor. Os fatos são os mesmos, mas podem ser noticiados com um enfoque mais positivo, evitando sensacionalismo. Para isso, há necessidade que o jornalista seja formado para ser um intérprete da realidade, sempre respaldado pelo conceito de verdade, pois esse é um fator indispensável para garantir a democracia.

Esta é uma das justificativas da necessidade de formação superior para o exercício da profissão de jornalista. A discussão fica na questão do “diploma”, mas o que importa são os quatro anos de discussões sobre a mídia e a sociedade e as formas de atuação social mais relevantes.

Como auxiliar nessa construção da paz para a sociedade? Basta lembrar da perspectiva da ética que indica os caminhos da justiça, da solidariedade e da busca pelo bem comum. Para os jornalistas, o caminho passa pela formação

universitária, aplicando as diversas disciplinas na vida profissional.

É interessante salientar que os que usam da profissão para ajudar na construção diária da paz se tornam jornalistas com credibilidade. Esses jornalistas mostram ao público que usam sua profissão para passar notícias com transparência, interpretando fatos segundo valores determinados pela cultura de cada povo.

Um dos exemplos da postura jornalística pela paz é referente à conscientização das pessoas e das nações em relação à conservação do meio ambiente. Muitas outras situações poderiam esclarecer como trabalhar de forma pró-ativa, mas o importante é que fique para todos nós, alunos de jornalismo e jornalistas, que essa profissão oferece condições de contribuir com a formação de uma sociedade mais justa e democrática, o que vai se traduzir em paz.

■ Joilson Demuner



“Procuro fazer um trabalho a favor da vida”

A afirmação é da jornalista da Rede Globo Neide Duarte, que busca em sua profissão como jornalista fazer matérias a favor da vida

A principal preocupação da jornalista da Rede Globo, Neide Duarte, no seu exercício diário é o de fazer um trabalho a favor da vida.

Para que isso seja realizado, Neide diz que se preocupa em mostrar o que está acontecendo, apenas isso. Explicou que em casos de morte, tragédia ou de um desastre isso também aparecerá e será mostrado, podendo parecer sensacionalismo, mas não é, pois a tragédia também faz parte da vida. Para a jornalista o que não faz parte é a “forçada de barra” de “denúncias”, coisas muitas vezes sem significado, mas que são tratadas como uma grande notícia.

A rotina diária de mais de 30 anos de estrada como jornalista faz com que Neide trabalhe muito a questão da imagem. Segundo ela, nem tudo o que é forte e trágico é sensacionalista. É preciso saber separar as coisas. “A tragédia é sensacional por ela mesma, ninguém precisa aumentar seu tamanho, ela já tem a sua própria dimensão. O jornalista nessa hora não tem como não falar daquele assunto que nos atinge a todos enquanto sociedade”, disse Neide que acrescentou que a televisão é muito acusada de sensacionalista. Basta mostrar uma cena ou entrevistar uma pessoa envolvida na tragédia e já é vista dessa maneira.

No ponto de vista da repórter, um jornalista nunca

deve esconder nada, afinal ele não tem o direito de escolher o que será mostrado. Para ela, o jornalista é o intermediário entre os dois mundos e não cabe a ele julgar o que é bom ou ruim numa reportagem. “Eu procuro mostrar o que vejo, isso quer dizer, com o meu olhar. Foi assim que eu vi determinado assunto. O jornalismo, embora muitos não queiram, é uma coisa muito subjetiva”, disse.

Para Neide as palavras também são fundamentais na construção de um bom texto. “Procuro nunca chamar ninguém de bandido, não vejo lucro nisso, pelo contrário, a pessoa assim chamada pode se sentir ‘o mocinho das avessas’, o contrário do herói, e pode inclusive ser estimulante para crianças que conhecem o bandido”, explicou.

Tantos anos de experiência na área jornalística fizeram com que Neide chegasse à conclusão de que não existe lado positivo ou negativo, mas sim a realidade que ela enxerga naquele determinado momento. Porém, ninguém gosta de ficar o tempo todo só falando em guerras e tragédias. “Mesmo em conflitos como esses existem momentos em que os soldados se divertem, riem uns dos outros, enfim, antes de qualquer dor, de qualquer drama, somos primeiro pessoas que riem, que choram, contam seus dramas, suas alegrias e seus sonhos”.

Neide passou por vários veículos de comunicação, como a Folha de São Paulo e TV Cultura, o que resultou em mais de dez prêmios jornalísticos, entre eles o Vladimir Hersog, Líbero Badaró e Mídia pela Paz. Atualmente, é repórter especial da Rede Globo de São Paulo, onde disse não ter sofrido nenhum tipo de pressão na realização das suas matérias por não explorar o lado sensacionalista.

A jornalista disse achar que existe essa visão porque há muito sensacionalismo em vários programas de televisão, que muitas vezes na falta de ter o que mostrar acaba valendo “tudo”. Mas explicou que, por outro lado, existe a demanda do público. Citou o exemplo do caso Isabela, acontecimento com o qual ninguém se conformou até hoje. “O caso nos atingiu em cheio, não tínhamos como escapar, independente da mídia falar sobre o caso ou não. Queríamos notícias novas a todo momento, queríamos ver aquelas pessoas, se elas eram iguais a nós”, explicou.

Para Neide, o compromisso com a paz evitaria tantas questões sobre violência. “Acho que é uma roda-viva, quanto mais notícias violentas, mais violência teremos por aí”, finalizou.

■ Nadel Godoy e Priscila França

Gelson Negrão

A responsabilidade transformadora dos jornalistas

O jornalista Gelson Negrão, que chefiou o departamento de jornalismo da TV Tarobá de Londrina e atualmente é coordenador de jornalismo da Rede Massa, disse que a cultura da paz vem para aprimorar os profissionais para uma boa comunicação. Um grande problema é como os veículos estão utilizando a mídia. Londrina, por exemplo, possui uma determinada quantidade de programas policiais exibidos diariamente e alguns deles optam pelo lado sensacionalista da matéria, explorando o submundo do crime, de uma maneira equivocada.

Para Negrão, essa programação jornalística, ‘no show da notícia’, do ponto de vista policial, criou o hábito das

pessoas consumirem um conteúdo chocante. Este fato se deve primeiramente porque é da cultura humana a curiosidade de ver, observar e expiar a desgraça alheia. E segundo, porque os próprios veículos de comunicação impuseram para as pessoas este tipo de informação. “O jornalismo tem que ter um perfil diferente, fazer um noticiário policial emitindo conceitos e opiniões. Se posicionar mais firmemente no sentido de cobrar da autoridade, do aparelho estatal”, comentou

“É impossível falar de cultura de paz sem fazer referência a estes programas, a este tipo de conteúdo, especificadamente na televisão. Buscamos um foco de noticiar, contar e relatar os fatos. Sem tripudiar, sem potencializar. Procuramos

fazer o ‘jornalismo policial’, porque temos buscado não só a notícia, mas os seus efeitos. Tentamos aprofundar o debate, a notícia que está por trás da desgraça”, disse Negrão.

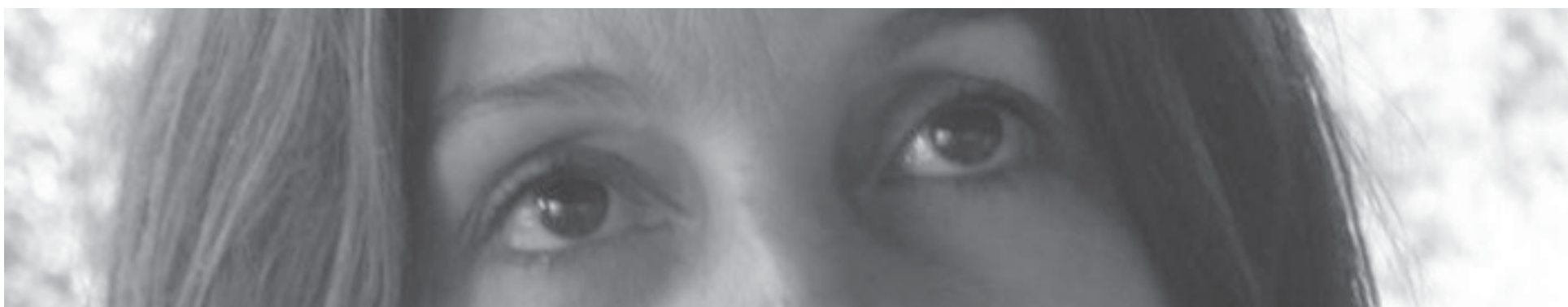
Mais que procurar a inovação no modo de apresentar a notícia, o comunicador deve buscar a mudança na cultura dos cidadãos. Não apenas na perspectiva do noticiário policial, mas também voltada para política, economia, saúde, infra-estrutura, habitação, para área de educação, transportes. Ele disse que se os profissionais de comunicação explorarem o que está além da notícia policial, estarão contribuindo, ainda que de uma maneira bem pequena e discreta, para construção de uma cultura de paz.

Para que este processo flua, Negrão explica que também é necessário que todos os interessados, tanto os meios de comunicação quanto o telespectador, ouvinte e leitor, tenham mentes abertas, que não estejam voltados pela defensiva da questão. Devem participar de todo processo, discutir seus problemas, envolvendo de uma maneira ou outra, para que esta cultura aconteça em outros parâmetros, dentro de uma comunidade, no voto, escolhendo representantes que tenham base intelectual necessária para a paz.

“Acho que o debate tem que começar dentro da academia. Devemos instigar o debate nesta questão, com engajamento, compromisso e responsabilidade. Temos um longo caminho pela frente, pois alguém já começou esta cultura”, finalizou.

■ Josemara Lisboa





Marta Ortega

O peso da notícia é dado pela própria notícia

Todos os assuntos têm que ser tratados com muito cuidado pelos jornalistas. Até um tema que parece simples, pode se tornar sensacionalista, dependendo da conotação dada pelo profissional

Formada em jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina em 1987, Marta Ortega já trabalhou em diversos veículos de comunicação, tanto impressos como TV. Há três anos é repórter da Folha de Londrina e há quatro meses é repórter da TV Tarobá. A profissional que vive o dia-a-dia da imprensa procura passar a informação de forma clara, objetiva e baseada no que realmente está acontecendo, tentando ser o mais fiel possível à informação.

A repórter que prioriza a ética na informação comenta que sempre procurou trabalhar desta forma e que na faculdade teve uma boa base com os professores. “De uma forma bem simples, aprendi que o jornalista vai contar o que está vendo, buscando todos os lados da informação, cercando a notícia para que ela fique o mais completa possível”.

Segundo Marta, os profissionais de comunicação devem se policiar todos os dias. “Muitas vezes a gente pega um tema que nos empolga e sem querer, exageramos na informação, por isso todo cuidado é pouco”, disse. Ela ainda lembra o cuidado que deve se tomar com as palavras, já que, se distorcidas, darão outra conotação. “Sempre é preciso ler e reler o texto, ver se tudo está claro antes de publicar.”

Ela concorda que as empresas jornalísticas fazem uma pressão para mostrar o lado mórbido em função da questão financeira, já que a tragédia vende mais jornal e dá mais audiência nos programas de TV. “Acho que se mostrássemos mais o lado positivo, as pessoas também se interessariam”, disse Marta.

De acordo com ela, é fundamental o jornalismo que tem a construção pela paz. E a imprensa

deveria aproveitar a tradição dos jornais, da TV, do rádio e a abrangência da internet, para divulgar essa questão, com matérias positivas. “Tem muita gente por aí fazendo coisas boas, simples, que poderiam fazer tanta diferença na vida de todos.” Para Marta, em Londrina, vários profissionais são conscientes em relação à forma de divulgar os fatos, mas alguns ainda fazem questão de colocar um tom sensacionalista nas matérias. Ela afirma que essa é uma realidade que vai mudando aos poucos, com o amadurecimento do profissional que é sério e que deseja, realmente, informar de forma correta.

A jornalista participou da Conferência Pela Paz que aconteceu em Londrina, produzindo material para o veículo em que trabalha e acredita que, aos poucos, com muita insistência, aparecerão os resultados.

■ Thatiane Rodrigues



Flávia Lippi

Jornalismo como forma de conscientização

Flávia Lippi, jornalista da TV Cultura, procura passar um ângulo positivo mesmo em mensagens ruins, pois além de conscientizar ajuda na melhoria da sociedade

Ajornalista Flávia Lippi sempre teve a linha de pensamento de que a comunicação deveria ser passada de uma forma diferente. Desta maneira, buscou uma nova maneira de veicular a notícia, ajudando a criar o “Repórter Eco”, programa voltado ao meio ambiente e qualidade de vida, que está no ar há quase dezessete anos. “O programa não faz denúncias, só apresenta soluções”, descreve a jornalista.

Para a apresentadora, a mensagem transmitida deve conscientizar as pessoas para que possam rever suas posturas e se reorganizar diante da sociedade. “Do mesmo modo que a mídia ruim influencia as pessoas, elas se espelham naquilo e querem fazer igual, a comunicação do bem pode fazer o mesmo papel.”

Os programas com perfis parecido com o “Repórter Eco” são ignorados pela grande mídia. Para que este tipo de comunicação chegue à comunicação de massa, Lippi entende que é preciso que os profissionais comecem a enxergar o ser humano não com uma mercadoria, um produto de venda rápida.

Preocupada com questões sociais, Flávia Lippi participa de organizações beneficentes, além de projetos e campanhas para esse fim. Uma das instituições que a jornalista participou é o Imagens e Vozes de Esperança (IVE), que tem como princípio transmitir notícias e mensagens positivas. “O Imagens e Vozes de Esperança tem para o mercado uma comunicação limpa, sem agressividade, contendo uma mídia muito antiga, que é a tradicional, que a gente faz”. Sobre o por-

quê de apoiar o IVE, a jornalista comenta que para ela a exploração do ser humano é o pior caminho para a mídia.

Quando questionada sobre o código de ética do jornalismo somado ao que o IVE estabelece aos profissionais de jornalismo, Lippi é enfática: “O código de ética que rege o bom jornalista é o código de ética que rezaria a própria cartilha da vida dele, é aquilo que a pessoa já é”. A intenção da jornalista, bem como de outros comunicadores envolvidos neste projeto, é relativa ao tipo de comunicação, tentando mostrar histórias negativas com um ponto de vista de quem quer resolvê-las, conscientizando a sociedade para que exista menos violência.

■ Felipe Montoya



Luka Moraes

A violência está banalizada

Para que fotos e textos não sejam usados de maneira negativa, a editora Luka Moraes procura, junto com os repórteres, trabalhar de maneira humanizada

Dias atrás, a agência de notícias France Presse enviou um texto para a redação da Folha de Londrina que falava sobre um jovem que havia sido condenado no Japão por matar pessoas e praticar o canibalismo. Ao ler essa matéria, Maria Lúcia Kiataque, entendeu que para publicá-la não seria necessário colocar detalhes da prática do canibalismo. “Tenho a preocupação de evitar o excesso e a riqueza de detalhes que em minha opinião são desnecessários mesmo com a violência tão banalizada”.

Luka Moraes começou a trabalhar em 1985, como repórter de televisão, depois passou para o impresso, e está há 11 anos trabalhando como editora no jornal Folha de Londrina. Nesse período, amadureceu a forma de pensar, pois quando começou a fazer reportagens o jornalismo praticado era diferente dos dias atu-

ais. Não existia o Estatuto da Criança e do Adolescente nem entidades que esclarecessem sobre a forma correta de tratamento a ser utilizada.

Para a editora, o sensacionalismo se resume em falta de respeito ao ser humano, falta de ética e falta de compromisso com a sociedade. Luka diz que a imprensa precisa noticiar acidentes e tragédias, porém é contra a constante exploração do sensacionalismo. “Responsabilizar a mídia exclusivamente não seria justo já que, se o público não buscasse esse tipo de informação, a mídia com esse foco não existiria.” Ela explica que a concorrência entre as empresas para ver quem avança na cobertura ajuda a agravar esse tipo de ação.

O jornalista, ao lidar com palavras e imagens, precisa retratar a realidade da forma mais verdadeira possível. “Nosso papel não é o de julgar, nem de promo-

ver polêmicas desnecessárias, mas de levar a reflexões que possibilitem a busca de solução”. O respeito e a preocupação com as pessoas são fundamentais no exercício de qualquer profissão, principalmente no jornalismo, porém esse cuidado deve fazer parte da formação de valores de cada um, acredita Luka.

Já que uma mesma cena pode ser mostrada de vários ângulos, e tanto os textos quanto as fotos podem ser usadas de forma negativa, a editora costuma trabalhar em conjunto com seus repórteres para que tenham um olhar mais cuidadoso, atento à humanização dos fatos.

Luka acredita que o jornalismo pela paz pode mobilizar a sociedade para que aconteça essa mudança, “Eu entendo a paz como resultado do equilíbrio, em todas as áreas”.

■ Mariana Haga

Guilherme Borges

A ética faz parte da pessoa

Para o jornalista Guilherme Borges, na correria das redações os jornalistas não têm tempo de refletir sobre o enfoque correto para a matéria

Casos como o da Tanatopraxia, cujos funcionários da Acesf - Administração de Cemitérios e Serviços Funerários de Londrina - ofereciam indevidamente a técnica de conservação de cadáveres para familiares de pessoas falecidas, é um exemplo de escândalo que os jornalistas precisam cobrir em seu trabalho diário. Porém, o assunto requer cuidado especial para não se tornar mórbido ou apelativo.

O radialista e professor da Unopar, Guilherme Borges, ao cobrir o caso, ao invés de falar sobre o que era feito com os corpos, preferiu focar nas pessoas que foram exploradas. “O fato em si já é trágico e o público consegue reconhecer”, explicou. Para ele, existe tragédia no mundo e a questão é saber não explorar isso, Guilherme faz parte do jornalismo prático, que busca passar informação correta sem precisar apelar para o sensacionalismo.

Entretanto, essa postura assumida por ele é esquecida na imprensa, muitas vezes por culpa da correria diária. Alguns jornalistas recebem a pauta e não têm tempo para pensar no assunto, outras vezes isso ocorre pela própria índole dos jornalistas. Por isso, Guilherme acredita que é preciso que a ética faça parte da pessoa, pois o trabalho refletirá sua conduta. “Na hora de escrever acho que o jornalista que não quer explorar com sensacionalismo consegue passar a mesma informação.”

O jornalista opta por alguns cuidados na hora de

produzir seus textos, especialmente quando trata de crianças, escolhendo termos corretos - ao invés de usar a expressão “menor infrator”, ele opta por “adolescente em conflito com a lei”, para que a informação noticiada não atrapalhe no desenvolvimento desses adolescentes. Outra preocupação está na forma como ele lê a notícia, escolhendo a entonação adequada, já que o ouvinte utilizará apenas sua imaginação para lembrar do fato, não tendo a chance de ouvi-la novamente.

Muitos acreditam que as empresas de comunicação pressionam os jornalistas em algumas matérias, porém isso nunca aconteceu com ele. “Em três anos de redação nunca sofri nenhuma pressão, nem de público e nem de patrão.”

O que o jornalista deve sempre fazer é passar a informação verdadeira, aquela que faz parte do mundo real e não do mundo ideal. Guilherme acredita que só desta forma é que as coisas poderão mudar. Para ele, a exploração sensacionalista acontece principalmente quando quem está produzindo a matéria é um jornalista sem formação superior. E para que isso diminua na imprensa, ele espera que os recém-formados, vindos de uma escola de jornalismo que tenha ênfase na cidadania e na educação, possam colocar na prática o que foi aprendido na sala de aula.



■ Mariana Haga



Amélia Gonzales

“Tem que haver reflexão”

“Precisamos parar um pouco para pensar. ver exatamente o que estamos querendo com a matéria e o que estamos querendo ouvir.”

“A solução para um trabalho não sensacionalista está em pensar, em refletir”. A afirmação é da jornalista Amélia Gonzales. Seu trabalho é considerado como um trabalho pró-vida, o que a deixa muito feliz e realizada,

Há mais de 20 anos no jornal O Globo, Amélia coordena atualmente a Razão Social, um segmento com publicação mensal no jornal, que destaca projetos sociais da iniciativa privada. “O que eu faço é uma revista que fala sobre a responsabilidade social corporativa, um movimento que enfatiza o papel do cidadão.”

Em seus textos, Amélia tem determinados cuidados, mas conta que isso não é algo apenas dela. São os padrões do manual de redação seguidos, na maioria das vezes, pelos veículos de comunicação.

Hoje as pessoas têm a idéia de que nos veículos da

grande imprensa não é possível trabalhar de uma forma que não seja a direcionada para a questão comercial. Amélia discordou dessa pré-conceituação.

A jornalista explicou que grandes jornais como O Globo, que atingem o grande público, têm que ter uma linguagem mais direta, a linguagem que o público está querendo ouvir. Mas ao mesmo tempo ele possui segmentos que convidam o leitor a refletir, como a Razão Social. Outro exemplo citado dessas diversidades é o caderno MAIS da Folha de São Paulo, que para Amélia é um convite à reflexão. “Como poderia ter cadernos como estes dentro de grandes jornais se os mesmo fossem voltados apenas ao sensacionalismo”?, questiona.

Amélia afirmou que a sensação que tem é que, de uns tempos para cá, começou a formar-se na cabeça do leitor uma necessidade de ver as coisas de forma rápi-

da. Isso talvez por conta da globalização. Essa instantaneidade de informação faz com que os textos sejam enxugados, às vezes cortando informações que possibilitariam reflexão sobre o assunto.

Na visão dela, um grande erro está em se pensar que há apenas dois lados, o positivo e o negativo. Na verdade há uma multiplicidade e diversidade de lados. “O importante é olhar por um ângulo bastante amplo e diverso, mas isso dá trabalho”, disse.

Para a jornalista, a maneira de mudar a mídia está em refletir. “Nós, jornalistas, precisamos parar um pouco para pensar. Ver exatamente o que estamos querendo com a matéria e o que estamos querendo ouvir. Isso faz parte de uma nova mídia, que venha depois desse quadro que estamos vivendo”, finalizou.

■ Nadel Godoy



Wilson Sanches

“Imagens mexem com emoção”

“As pessoas que assistem TV são enfeitiçadas e envolvidas pelo sentimento e qualquer tipo de imagem que gere isso será bem aproveitada”.

Uma das perguntas que se faz quando o assunto é violência e jornalismo é se a mídia, especialmente a televisão, expõe em excesso alguns fatos. O sociólogo Wilson Sanches, professor da Unopar, analisa que as imagens de violência geram raiva, curiosidade, mexem com a emoção do público e assim prendem sua atenção.

Para Sanches, o jornalismo tem a obrigação de mostrar o que está acontecendo na sociedade, porque esse é o papel: informar. No entanto, ele acredita que alguns aspectos do fato são mostrados exageradamente. “Quando se fala que morreram tantas pessoas em um tiroteio, isso é uma informação útil para se medir a violência na cidade. Agora, quando mostra o corpo caído no chão, extrapola a questão da notícia e vai para uma espécie de interesse mórbido”, avalia.

Segundo ele, este comportamento da mídia pode gerar reações antagônicas no público: repulsa diante de cenas fortes e banalização da violência. “Ao ver essas cenas com tanta frequência você acaba achando normal.

A linguagem da TV tem como característica básica envolver o

telespectador mexendo com sua emoção. “A TV não se restringe a dar informação. Tem que ser passional, afetivo, para que o público não se desprenda daquele programa para ver outra coisa. Então, no intuito de noticiar isso é que talvez extrapole na questão da imagem”, argumenta.

Segundo Sanches, cada vez que a pessoa vê cenas de violência pela TV é gerada mais comoção, porque esta mídia tem a possibilidade, mais do que a palavra, de gerar algum tipo de sentimento. “Acredito que o público esteja atrás de sentimento, não propriamente da imagem da desgraça. Se for uma imagem de alguma coisa boa também envolta de algum plano sentimental ele também vai querer assistir

O sociólogo destaca que a mídia através do jornalista desempenha o papel de cobrar os órgãos públicos e chamar a sociedade para encontrar novas alternativas para seus problemas. “A mídia tem que fazer esse elo entre a sociedade civil e a sociedade política”, pondera.

■ Manoela Armanhi

Um olhar humanista sobre a notícia

“As tragédias fazem parte da vida, não tem como deixar de informá-las. O desafio é mostrar o lado positivo. Mesmo no caos ele existe.”

Uma jornalista que consegue ver a notícia onde muitos não vêem e ainda tira coisas positivas do trágico. Esta é Patrícia Zanin, jornalista da Rádio Universidade FM, que sempre busca o lado humano do fato que noticia. Dar voz para aqueles que raramente têm espaço na mídia é um exercício diário desta jornalista, que acaba colaborando para a construção da paz pela mídia.

Em 2006, a jornalista produziu uma série de reportagens com a participação de jovens do Educandário de Londrina, dando voz aos meninos. Em maio do ano passado, voltou à instituição depois de um conflito e ouviu os jovens que não participaram. Desde então, a jornalista se preocupa cada vez mais com a situação das crianças e adolescentes no Brasil e com a forma como são retratados na mídia.

Seu trabalho está sendo reconhecido. Em 2007 foi convidada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi) para representar o Brasil em um encontro de capacitação

para jornalistas da América Latina, promovido pela Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), em Caracas, na Venezuela.

Patrícia procura sempre ouvir o outro, respeitar as críticas e pontuar o que está sendo feito. Para ela, este é um exercício constante, além da abordagem de todos os ângulos da notícia, sempre a partir da história das pessoas. Em casos de tragédias, por exemplo, ela busca não focar apenas a morte. Patrícia quer ouvir aqueles que sobreviveram, que ficaram. “Quem ficou está fazendo o que para reconstruir sua história? Um dos desafios é tentar mostrar também lados positivos, mesmo no caos, pois eles existem”, afirma.

As tragédias são inevitáveis e os profissionais da imprensa de certa forma têm a obrigação de informá-las. A questão é como informar. Patrícia salienta que essa é a pergunta que todos devem fazer e a resposta talvez seja buscar formas mais construtivas de revelá-las.

Ela cita o caso Isabella (garota as-



sassinada supostamente pelo pai e madrasta) que a impactou recentemente com detalhes explorados à exaustão. “Acredito que são detalhes desnecessários e que não contribuem para nada. Pelo contrário, na minha opinião eles servem para deprimir.” A reação da jornalista foi deixar de assistir e ler as notícias relacionadas ao caso. A maneira que encontrou para se manter informada sobre o assunto foi ler o que os analistas diziam.

Ela reconhece que é difícil adotar

permanentemente essa conduta por isso vê na Conferência Municipal pela Paz, realizada em Londrina, um instrumento importante. “A discussão do jornalismo pela construção da paz deve mobilizar, num primeiro momento, aqueles que já estão disponíveis para as novas práticas, os que já estão sensibilizados para a discussão mais construtiva”, finaliza.

■ Thatiane Rodrigues

Crônica

Correspondente da Paz

Em mais uma manhã cinzenta de domingo eu me sento para tomar café. Folheio os jornais e uma matéria me chama atenção. Por que uma matéria dentre tantas sobre mais um conflito me chama atenção? Não sei, mas os números ali expostos me deixam perplexa. Mais uma vez o ser humano vira estatística, muitas vezes em uma guerra que não lhe pertencia.

Neste domingo não vou trabalhar, mas penso cada vez mais em meu trabalho. Como jornalista estou acostumada a encarar situações como esta. Porém a cada dia fico mais intrigada perguntando-me se haveria uma maneira de escrever sobre esses fatos de maneira diferente. Como escrever sobre guerra sendo de paz?

Dou uma olhada na internet e vejo que não sou a única a pensar em um jornalismo pela paz. E não é de hoje que jornalistas tentam mudar sua realidade, sem fazer o polianismo ou matérias superficiais. Este start que me deu, já passou pela cabeça de muitas outras pessoas.

Essa vontade pela paz não quer dizer que a partir de agora só vou escrever sobre coisas bonitinhas e flo-

ridas. Esses pensamentos rodam minha cabeça e fico a pensar o que irei fazer para começar a mudar meu jeito de fazer jornalismo.

Minha filha que ainda estava dormindo acordada e vê minha cara de indagação. Como explicar a uma criança as tormentas de uma cabeça adulta? Penso no que minha filha vê comigo na TV. Os jornais que tanto assisto e que insisto serem fundamentais para a construção de sua formação, mostram os conflitos exatamente da maneira que me incomoda.

Lembro que também sou parte desses formadores de opinião e eu nem faço minha parte. No jornal, quantas vezes poderia fazer a diferença mas não o fiz. Não somente por não saber como, mas também por falta de coragem de confrontar e ser a diferente da história.

Quero fazer a diferença, mas como? Sempre aprendi que o que vende jornal é tragédia, o pinga sangue, o esdrúxulo. Mas que dualidade. A função do jornalista não é a ajudar na construção de um mundo melhor? Se todos os profissionais assumissem essa função não estaríamos contribuindo para um mundo de paz e não guerra?

Se começássemos a mudar o jornalismo hoje, o mundo poderia ser melhor daqui a alguns anos? Acho que sim, na verdade tenho certeza. Olho mais uma vez para minha pequena filha. Ela sempre diz que quer ser como eu. Qual a imagem de jornalista que passo para ela? A jornalista que faz a diferença ou aquela que se soma à multidão de mãos que registram nossa história, cada vez mais triste.

Não posso mudar o que fiz ontem. Entretanto, tenho como mudar o que farei a partir de amanhã. Dia 27 de outubro se comemora o dia do jornalista pela paz. Será que alguém sabia disso? Será que alguém já calculou a sua própria importância para a construção da paz?

Muitos jornalistas já morreram em meio a guerras, muitos jornalistas têm o sonho de ser correspondente de guerra. Mas por que não ser o correspondente da paz, de um futuro melhor e mais justo?

■ Talita Martinuci



Ana Lúcia Oliveira de Castro

Londrina discute mídia pela paz

A cultura de paz e não violência surgiu com o intuito de promover um diálogo internacional sobre o impacto de mensagens e imagens publicadas pela imprensa

O Movimento pela Paz surgiu na década de 90 e reuniu cerca de 200 pessoas da mídia, artes e círculos acadêmicos em New York. Um mês depois do evento, foi lançado no Brasil na cidade de São Paulo o IVE (Imagens e Vozes de Esperança), porém o primeiro diálogo nacional aconteceu em 2001 na cidade do Rio de Janeiro. Entre os convidados estavam jornalistas conceituados, contando com a parceria da Unesco.

Desde então o movimento tem como objetivo desenvolver e fortalecer uma cultura de paz e não-violência, buscando atingir profissionais da área de comunicação, conscientizar as pessoas sobre o papel da mídia e discutir seu efeito na sociedade. Londrina entrou neste movimento, de forma mais atuante, a partir de 28 de maio, quando foi realizada a Conferência da Educação pela Paz, com o tema "Palavras e Imagens que Criam o Mundo". Na ocasião foi discutido de que forma os veículos de comunicação podem ser instrumentos de mudança na vida da sociedade que busca educação e paz.

Participaram do evento a jornalista Ana Lúcia Oliveira de Castro coordenadora do projeto IVE e o presidente da ONG Londrina Pazeando, Luiz Cláudio Galhardi. A jornalista mostrou, por meio de uma dinâmica de grupo, o que cada pessoa tem de bom que possa ser usado para promover a paz. Ana Lúcia conversou com a reportagem do Na Íntegra. Confira a entrevista.

Na Íntegra: Como a mídia - através da TV, rádio, revista, jornal e internet - pode ajudar para que cresça essa cultura de paz e para que se alcance mudanças significativas?

Ana Lúcia: Primeiro, todas as pessoas que trabalham na mídia precisam se conscientizar do seu impacto na sociedade. Para isso, precisamos mostrar o que está funcionando, como a população está se mobilizando para fazer coisas que dão certo. Então certamente a gente estará construindo uma cultura de paz.

Na Íntegra: Já existem experiências que mostram essa possibilidade?

Ana Lúcia: Existe no mundo todo, mas eu quero citar só um exemplo aqui no Brasil. O jornalista André Trigueiro depois que começou a participar do IVE, que é um projeto mundial da mídia mais construtiva, cresceu enormemente no seu trabalho na área de jornalismo. Inclusive criou o programa Cidades e Soluções, que está sendo nacionalmente veiculado e tem pessoas se inspirando naquilo que ele está fazendo.

Na Íntegra: A mídia insiste no modelo atual de noticiar principalmente o lado ruim das coisas?

Ana Lúcia: Sim, por estarem acostumados a fazer isso. Então essa é uma questão meio que de preguiça, do tipo "é isso que eu sei fazer, é isso que eu estou habituado a fazer e eu faço". Para mudar precisa de coragem, precisa enfrentar um sistema estabelecido que já está viciado. Eu vejo falta de vontade de criar mais, de ousar mais.

Na Íntegra: Como é que se muda este conceito?

Ana Lúcia: A nossa proposta é fazer esses diálogos, que são encontros em que as pessoas descobrem o seu potencial e sonham com aquilo que desejam, projetam as possibilidades e chegam ao destino que é a realização completa.

Na Íntegra: Como está esse projeto no Rio de Janeiro?

Ana Lúcia: O que nós temos feito lá é basicamente para o pessoal da mídia. Vários profissionais conhecidos estão com uma postura bem diferenciada. Então pensarmos: É possível!

De acordo com informações do site do IVE, www.ive.org.br. Os diálogos realizados no Brasil já atingiram mais de 1.900 profissionais, incluindo jornalistas, relações públicas, publicitários, estudantes, artistas, músicos, fotógrafos, escritores, designers, profissionais de marketing, empresários, educadores, jovens, voluntários de projetos sociais e pessoas interessadas em ser agentes na criação de um mundo melhor.

■ Denise Vicente



Silvana Leão

Jornalistas lutam contra o sensacionalismo

É com cuidado constante que se consegue dar um tratamento ético para a notícia. Muita coisa precisa ser feita para que os profissionais acordem para essa necessidade

Jornalistas, veículos de comunicação e empresas socialmente responsáveis devem colaborar com a luta contra a violência, seja ela urbana, rural, ambiental, social, política, física ou mental. Os profissionais devem sempre tomar cuidado para que suas mensagens e imagens não explorem o sensacionalismo e alimentem ainda mais essa demanda de informações exageradas.

A jornalista Silvana Leão, formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), que trabalha na Folha de Londrina, procura priorizar a ética em relação à informação. É com cuidado constante que se consegue dar um tratamento ético para a notícia, respeitando as pessoas, tentando despir totalmente a notícia de preconceito, ouvir todos os envolvidos e tentar aprofundar o assunto, fazendo uma análise das causas e consequências com isenção.

Silvana diz que na hora de pontuar uma matéria, ela procura mostrar o lado humano e não somente o trágico. "Procurar formas construtivas de revelar os fatos é a melhor maneira de fugir do exagero excessivo, pois há várias histórias acontecendo em qualquer lugar do mundo e de tudo que acontece temos que saber escolher o que vale a pena contar e o que pode ser descartado".

O sensacionalismo talvez seja a ferramenta mais antiga para aumentar as vendas de produtos de comunicação e, na maioria das vezes, implica em uma opção editorial para alcançar o ídolo desejado. Para Silvana, a melhor forma de vencer essa barreira é tentar sempre procurar o meio termo na hora de escrever a matéria. "Não devemos amenizar a informação ao ponto de não dar a notícia, mas saber escolher a melhor maneira de relatar os fatos. Não existe a necessidade de explorar uma tragédia se a notícia já é trágica" comenta.

Como redatora, Silvana percebe que alguns dos jornalistas estão preocupados com o que escrevem e têm a consciência de fazer um jornalismo pela paz, um movimento pró-vida. Fica feliz em saber que as universidades de comunicação, promovem a reflexão entre seus alunos sobre o jornalismo pela paz. "Isso daqui a alguns anos vai ter um bom reflexo no mercado de trabalho." Mas, no seu ponto de vista, muita coisa precisa ser feita para que os profissionais acordem para essa necessidade, que é urgente, revertendo esse processo de violência que esta se agravando no mundo.

■ Fernanda Bordin